

DOSSIÊ TEMÁTICO: Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao *ethos* acadêmico

 <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i32.5047>

**PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO:
CONVERSAS SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE**

PRESENCE OF BLACK WOMEN IN RESEARCH IN EDUCATION: CONVERSATIONS
ABOUT THE TEACHING STAGE

PRESENCIA DE MUJERES NEGRAS EN LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN:
CONVERSAS SOBRE LA ETAPA DOCENTE

Claudia Miranda

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Ana Beatriz da Silva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Carla Silva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Elaine Barbosa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: O trabalho parte das narrativas de pesquisadoras negras produzidas ao longo do estágio docente exigido no Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Consideramos essa inserção parte do processo da iniciação às pesquisas por trazer outras ancoragens para a análise sobre as identidades que se constrói numa área vista como guarda-chuva pela sua vocação de abrigar profissionais das diferentes áreas. Estágio docente, presença de mulheres negras e pesquisa em Educação são as categorias do desenho proposto no artigo e nos orientaram quanto ao foco e roteiro elaborado na escrita em coautoria. Os diários de bordo foram elaborados ao longo de dois anos do desenvolvimento dos respectivos trabalhos e essa foi uma abordagem metodológica que sustentou nosso entendimento sobre a inserção docente além de ajudar a redimensionar a formação mais ampla. A abordagem que fizemos exige um esforço de coadunarmos “Docência” e “Pesquisa” em um movimento de composição e recomposição identitária. Mesmo oriundas de diferentes carreiras, as profissionais alcançam mapear as exigências que o campo educacional apresenta na sua plenitude.

Palavras chave: Iniciação à docência do ensino superior; Mulheres negras na pós-graduação; Estágio docente; Pesquisa; Mestrado.

Abstract: The work is part of the narratives of black researchers produced during the teaching internship required in the Masters in Education, at the Federal University of the State of Rio de Janeiro. We consider this insertion part of the process of initiation to research for bringing other anchorages to the analysis on the identities that are built in an area seen as umbrella for its vocation to house professionals from different areas. Teaching internship, presence of black women and research in Education are the categories of the design proposed in the article and guided us as to the focus and script elaborated in coauthor writing. The logbooks were elaborated over two years of the development of the respective works and this was a methodological approach that underpinned our understanding of teacher insertion and helped to re-dimension the broader training. The approach we have taken requires an effort to co-ordinate "Teaching" and "Research" in a movement of identity composition and recomposition. Even from different careers, professionals are able to map the requirements that the educational field presents in its fullness.

Keywords: Introduction to higher education teaching; Black women in graduate school; Teaching internship; Search; Master.

Resumen: El trabajo parte de las narrativas de investigadoras negras producidas a lo largo de la práctica docente exigido en el Máster en Educación, en la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro. Consideramos esta inserción parte del proceso de la iniciación a las investigaciones por traer otros anclajes para el análisis sobre las identidades que se construye en un área vista como paraguas por su vocación de abrigar profesionales de las diferentes áreas. La práctica docente, presencia de mujeres negras e investigación en Educación son las categorías del diseño propuesto en el artículo y nos orientaron en cuanto al foco y guión elaborado en la escritura en coautoría. Los diarios de a bordo fueron elaborados a lo largo de dos años del desarrollo de los respectivos trabajos y ese fue un enfoque metodológico que sustentó nuestro entendimiento sobre la inserción docente además de ayudar a redimensionar la formación más amplia. El enfoque que hicimos exige un esfuerzo de coadunar "Docencia" e "Investigación" en un movimiento de composición y recomposición identitaria. Incluso oriundas de diferentes carreras, las profesionales alcanzan mapear las exigencias que el campo educativo presenta en su plenitud.

Palabras clave: Iniciación a la enseñanza superior; Mujeres negras en el postgrado; Práctica docente; Investigación académica; Maestría.

A filósofa Angela Davis afirma que quando a mulher negra se movimenta toda a estrutura de uma sociedade se movimenta com ela. Em “Mulheres, raça e classe” (2016), o diagnóstico realizado sobre a pertença feminina e negra inclui as saídas encontradas em busca de reinvenção dessa participação social. Influencia nosso olhar pelos aportes oferecidos sobre o processo de inserção feminina e negra, que não pode estar excluído dos grandes temas dos campos das Ciências Sociais, da Filosofia, das Artes, Educação entre outros.

No segundo semestre do ano de 2018, a máxima “Mulheres negras movem o Brasil” ocupou lugar expressivo em diferentes mídias alternativas e refletiu a densidade da mobilização em torno da denúncia de violência contra o corpo feminino e negro. Ao mesmo tempo, embalou travessias importantes como o “Congresso Nacional de Mulheres Negras: 30

anos”, realizado entre os dias 6 e 9 de dezembro em Goiânia. O portal da Organização das Nações Unidas – ONU Mulheres – apresenta, como parte do seu compromisso, a seguinte indicação: “O mandato da ONU Mulheres inclui um componente de coordenação das ações em prol da igualdade de gênero no Sistema das Nações Unidas” e dentre os eixos privilegiados está a transversalidade de gênero.

Hari Kunzru (2003, p.97) lembra que “as feministas têm argumentado, recentemente, que as mulheres estão inclinadas ao cotidiano, que as mulheres, mais do que os homens, sustentam a vida cotidiana e têm, assim, uma posição epistemológica potencialmente privilegiada”. Essa é uma provocação de peso para os segmentos empenhados na luta por “justiça de gênero” (grifos nossos). Incluímos, nesse leque, os movimentos antirracistas que assumem esse enfrentamento como uma dívida antiga observando as especificidades dessa agenda e ouvindo as organizações de mulheres negras, para a defesa de seus direitos. Sob essa orientação política, atentamo-nos para as reivindicações de ampliação das oportunidades de participação social e, portanto, assumimos compromissos acadêmicos na mesma sintonia fina.

Defendemos a ampliação de ambiências de pesquisa para as populações racializadas e, em particular, para as mulheres negras. Insistimos com uma pauta inaugurada por pensadoras como Iolanda de Oliveira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Joselina da Silva, Vanda Ferreira, Lélia Gonzales, Helena Teodoro, Sueli Carneiro, Neusa Santos Sousa, Mãe Stella de Oxóssi, Virginia Leone Bicudo - entre outras proponentes – e consideramos que o primeiro passo é o reconhecimento das estratégias de intervenção sócio-políticas que ajudaram a construir. Em termos mais específicos, é fundamental recuperarmos dados sobre a presença dessas partícipes, recuperarmos os dados sobre como intelectuais orgânicas dinamizam as bases dos movimentos sociais. Importa focar na exemplaridade de suas trajetórias e encontrar pistas deixadas em diferentes espaços de atuação.

As pesquisadoras e coautoras desse trabalho, foram orientadas por Cláudia Miranda entre os anos de 2016 e 2019, apresentam questões de grande impacto para o campo da Educação, a saber. Carla Silva é Pedagoga e consultora educacional em projetos que envolvem a produção de materiais infanto-juvenil. Realizou a pesquisa intitulada “História, memória e identidade cultural: a produção didático/literária do Movimento Negro do Brasil” tendo como preocupação apresentar um mapa das produções que já circulam e dão suporte para a Educação e as relações étnico-raciais (2019). Ana Beatriz da Silva tem larga participação nos coletivos do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. Geógrafa, possui especialização em Gênero e Sexualidade em Práticas Pedagógicas e é uma

das diretoras da instituição “Coisa de Mulher” e produziu a pesquisa “Coisa de Mulher” e “Criola”: um estudo sobre aprendizagens decoloniais em ONGs de Mulheres Negras” (2018). Discute as propostas de intervenção desenvolvidas pelas duas organizações com o foco nas práticas pedagógicas e nas suas diretrizes filosóficas além da *práxis* insurgente. Elaine Barbosa é advogada e, dentre as inserções, faz parte da equipe do Instituto de Cultura e Consciência Negra Nelson Mandela (ICCNNM). É autora da pesquisa “Aprendizagens decoloniais a partir das cartas de mulheres encarceradas: um estudo sobre o Movimento Negro Educador” (2018). Explorou as experiências de agentes que compõem o ICCNNM e o processo de estabelecimento de redes que lutam pela emancipação social. Objetivou entender aspectos das narrativas produzidas por mulheres encarceradas em suas cartas ao instituto, com o fim de reconhecer os constructos da base desse ir e vir.

Os dados acima servem para situarmos o trânsito das autoras, antes de chegarem ao Programa de Pós-graduação em Educação, além de ratificar o pressuposto da Educação ser uma área “guarda-chuva” apresentando possibilidade de ampliação de seu arco temático. Todas as propostas defendidas, como dissertação de Mestrado, indicam as urgências localizadas por investigadoras com penetração expressiva nas associações, coletivos e núcleos do Movimento Negro (MN).

Sandra Haydée Petit (2015), formula um quadro teórico de suma relevância e inclui pertencimento, corpo-dança, afroancestralidade e tradição oral. Nele, aparece, como uma característica ímpar, a multidimensionalidade epistemológica que, a nosso ver, impacta novos estudos sobre os conhecimentos que manejamos, em nossas travessias. É justamente pela ancoragem que oferece, quando recupera aspectos da memória ancestral, da afetividade e da leitura de si, que Petit contribui com outros lugares epistemológicos, filosóficos e metodológicos. São caros para o campo da Educação e para a formação de novas/os profissionais das diferentes áreas. Aborda a multiplicidade de referenciais de vida e, a nosso ver, sua proposta se alinha com a formulação de trabalho em rede sendo, por isso, um elo expressivo. Esbarra nas especificidades da experiência de sujeitas que se deslocam, mas sem deixar de levar consigo, as aprendizagens prévias.

O desenho da proposta de intervenção é nítido e tem como base um referencial que concebe saberes descentrados. O “currículo pretagógico” sugere descaminhos e desobediência epistêmica. Passa a indicar como é inaceitável mantermos componentes que não se conectam com a diversidade do país.

O referencial pedagógico apresentado por Sandra Haydée Petit - e colaboradoras/es -, nasce da formação em pares, em roda, coletiva. Nesse percurso estão as/os professoras/es de Quilombos, no Nordeste do Brasil: “Era isso mesmo que queríamos: empretecer a pedagogia excessivamente europeizada” (PETIT, 2015, p.149). Assim como Petit (2016, p.662) também “consideramos o corpo todo fonte e produtor de conhecimento, e não apenas o cérebro, envolvendo os cinco sentidos (visão, paladar, audição, tato e olfato)”. O ir e vir do corpo afro é uma performance em ebulição na medida em que assumimos as brechas indicadas acima. Ou seja: o espaço universitário “europeizado” passa a ser desafiado positivamente pela capilaridade que, a nosso ver, se traduz na abordagem defendida como “pretagogia”.

Ampliamos os sentidos da proposta que defendemos, de trabalhar em rede de mulheres negras e, nesse movimento, “estabelecer vínculos, na ótica da possibilidade comunitária, significa instaurar um sistema capaz de gerar o sentimento e o direito regidos pelo ‘fazer parte’ da coletividade” (PAIVA, 2003, p.107). As pesquisas com as quais adornamos as primeiras versões de nós mesmas, como investigadoras em formação, se relacionam com outras pedagogias e com abordagens teóricas produzidas em conversa com diferentes movimentos por justiça social. De certo, o MN, o Movimento de Mulheres Negras, e as expressões que desses emanam, sustentam a feitura de um trabalho em rede no campo da Educação implicando sujeitas negras e suas pegadas.

Sob uma visão de pertença acadêmica desafiadora, nos agregamos para discorrer sobre a conformação de nossos diferentes insight de “estágio com pesquisa”, afinadas com as proposições de Guedin, Oliveira e Almeida (2018). A racialização pela qual se inventa as hierarquias, atravessam nosso modo de compor e convém assumirmos, como escopo metodológico, no trabalho em coautoria, o exercício da escuta sensível, o exercício da “rascunhagem” (grifos nosso) e da cooperação, para o desenvolvimento do argumento aqui trazido.

Estágio docente, presença de mulheres negras e pesquisa em Educação são as categorias centrais para elaborarmos o desenho de um trabalho produzido como parte do compromisso de sermos pesquisadoras, partícipes de um grupo de estudo que se dedica a elaborar e desenvolver estudos sobre formação de professoras/es, currículo, interculturalidade e pedagogias decoloniais. Não é muito dar ênfase para o fato de que estamos em busca de outras inserções e performance acadêmica e com esse início poderíamos assumir quão desafiador é ser estudante, estar na pós-graduação (nível do Mestrado) e participar “experimentando”, “corrigindo” e “revisando” nossas respectivas narrativas.

Fizemos opções que demandaram outros modos de enunciação e, por fazermos essas escolhas, passou a ser indispensável agregarmos concepções preliminares sobre estágio, docência e presença insurgente para explorar a problemática da construção da identidade de pesquisadoras em formação. O trabalho exigiu formulação e reformulação, exigiu um exercício de avaliação de nossos objetivos de inserção. A pesquisa e os trabalhos que resultam dessa prática social, indicam a importância de nossas escolhas para os deslocamentos a serem realizados. Essa é uma temática que nos mobiliza e que traduz, de alguma forma, o desejo comum das autoras, de incluir, como conteúdo curricular, aportes deixados de fora de um guarda-chuva privilegiado, como é o caso da Educação.

E é sob essa orientação que optamos por sistematizar uma análise incluindo os registros que fizemos em formato de diário de bordo para o estágio docente e para o desenvolvimento de análises futuras. Consideramos ser essa uma metodologia significativa para a construção de dados empíricos e ratificamos que a atividade acadêmica requer a compreensão dessa multiplicidade de recursos. A abordagem que atravessa o trabalho em coautoria inclui um quehacer coletivo, um deslocamento em pares onde vozes dissonantes encontram alternativas de interconexão quando assumem uma composição dessa magnitude.

Em outro lugar Claudia Miranda (2018, p.394) indica alternativas que podem ser acionadas conjuntamente, nessa construção insurgente. Em seu argumento, a formação de novas/os pesquisadoras/es, “esbarra cada vez mais em temáticas insurgentes e dissonantes na medida em que outras presenças se estabelecem sendo esse um dos resultados das políticas de democratização das universidades brasileiras”. Ao elaborarmos uma escrita em coautoria assumimos os ganhos e riscos de um desenho de trabalho mais transgressor em termos dos lugares epistemológicos que mapeamos. Em outros termos, a produção depende de uma abordagem colaborativa no ir e vir com a escrita acadêmica, com códigos bem marcados e, assumir tal condição, é encontrar os recursos de maior conexão e reconexão epistemológica. Nossa engrenagem é concebida para promovermos outros modos de pensar as aprendizagens do percurso investigativo. Por outra parte, importa mapearmos os lugares e espaços de disputas e de performatividade negra. Sobre a opção de deslocamento, Miranda afirma:

As experiências de deslocamento, tentativas de garantir a representação dos grupos marcadamente deixados de fora, de grupos que definimos aqui como colonizados no interior dos centros de pesquisa, são movimentos de toda ordem que precisam ser contextualizados. No caso do Brasil e dos grupos fixados – aqueles com maior notoriedade –, a luta pela participação e o reconhecimento está sendo iniciada discursivamente, caracterizando-se por

uma luta retórica. Ao conectarmos a teoria de Fanon e os movimentos dos insurgentes orientados por uma bagagem conceitual comum, percebemos uma fase de elaboração de um projeto compartilhado entre diferentes sujeitos de um mesmo grupo, identificados com a luta pela representação e reconhecimento do coletivo. (MIRANDA, 2006, p.98).

Sua tese deu ênfase para as formas de negociação apresentadas na saga do MN, tomando como pista a história de inserção de intelectuais de diferentes regiões do país. Identificamos um tipo de deslocamento que se alinha com a participação política, com proposições epistemológicas emancipatórias e que podem influenciar diferentes práticas sociais.

Estágio com pesquisa e iniciação à docência

O compromisso com a formação, no âmbito da pós-graduação, nos leva a defender o status do trabalho realizado em grupos de estudo. Com essa perspectiva, ousamos e ensaiamos a escrita a partir do ir e vir em pares, nos últimos quatro anos de trabalho no Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores/as, Currículo (s) e Pedagogias Decoloniais - GFPPD. Referimo-nos às questões ainda desafiadoras relacionadas com a fluidez e pertinência da nossa participação docente. Recorremos ao argumento de Selma Garrido Pimenta e de Maria Socorro Lucena Lima sobre estágio e sua visão passa pelo seguinte pressuposto:

O estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (PIMENTA; LIMA, 2006, p 6).

Como as autoras, rejeitamos a perspectiva técnica existente e assumimos como potencializador do olhar, essa outra dimensão da vida de pesquisadoras negras, no nível do Mestrado. Em outros termos, o estágio docente aparece como um importante atalho para desempenharmos as tarefas exigidas. Pode ser entendido como um espaço-tempo impulsionador de expectativas. Ao rejeitarmos sua perspectiva técnica realocamos as inúmeras dimensões que embalam essa experiência de participação nas aulas das disciplinas Currículo e Metodologia da Pesquisa em Educação entre os anos de 2016 e 2018, em diferentes períodos, ao longo de dois anos de participação como docentes em sintonia com a orientação das respectivas propostas de estudo.

Em “Estágio com Pesquisa” Evandro Guedin, Elizangela S. de Oliveira e Washington A de Almeida (2018, p.37) apresentam um quadro com a representação da inter relação dos elementos que compõem o processo incluindo Metodologia, epistemologia ontologia e objeto. Está situado como um quadro da hermenêutica crítica e avaliam que:

[...] o estágio enquanto momento de articulação teoria-prática é formador da dimensão científica/técnica, política, ética e estética do futuro professor. Compreende-se que é nesse tempo/espço que o professor em formação constrói sua identidade profissional. Nesse sentido, o estágio constitui-se numa formação que é de natureza ontológica, isto é, compõe o que será o professor enquanto identidade profissional. Numa perspectiva dialética institui o que será, juntamente com o exercício profissional iniciante nos primeiros anos de atuação profissional, ao longo de sua existência. Pois isso radicaliza sua condição de ser que se faz no confronto e no contexto do trabalho.

Os autores estão preocupados com a complexidade dos problemas a serem enfrentados no momento seguinte de inserção no mundo do trabalho. Também argumentam que:

Outra questão importante, que se constitui um pré-requisito para o desenvolvimento de uma proposta de estágio vinculado a um projeto de pesquisa, é que os estagiários, junto com os docentes, à medida que tal prática se desencadeia, formam uma comunidade de investigação, um grupo de estudo e pesquisa. O estágio como instrumento do processo de formação do professor-pesquisador implica formação de uma comunidade investigativa que, no coletivo, buscam investigar as problemáticas que mais atingem a escola e exigem uma alternativa que pode ser elaborada em conjunto com a universidade. Isto quer dizer que não há como vincular um processo de estágio a uma dinâmica de pesquisa se os docentes da universidade, os estagiários e os professores das escolas não se tornarem parceiros no processo desta prática, que implica olhares teóricos e epistemológicos, que os dois segmentos devem esforçar-se para compreender. (GUEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2018, p.40).

Nesse caminho, alertam para a não possibilidade de separarmos sujeitos e objeto e apresentam condicionantes que vimos como influências a serem aproveitadas para o exame do percurso que se faz na docência do ensino superior, em distintas imersões, ao longo do período de desenvolvimento das atividades no Mestrado em Educação. A vida acadêmica compreende uma série de etapas a serem realizadas em cooperação. Por isso, é tarefa sine qua non absorver as especificidades do campo e das/os sujeitas/os que nele buscam performatividade. Para Miranda (2018, p.412),

[...] o tempo da pesquisa, para mulheres negras, deve ganhar centralidade e atravessar nossas análises em teses sobre as formas de insurgência adotadas. De certo, existe um caminho já trilhado em diferentes lugares do mundo e mesmo que localizadas em diferentes contextos, suponho que

nossas conexões são imprescindíveis e ocorrem não apenas fisicamente. Existem identificações simbólicas, obtidas por agendas afirmativas elaboradas e executadas nos diversos contextos e que recebem adesão intergeracional.

Analisa a “fatia do bolo” oferecida às mulheres negras, na história da sociedade, um segmento fixado nos espaços de servidão e exploração de seu tempo, de sua vida familiar. Como estagiárias na iniciação à docência do ensino superior e em contato com as/os graduandas/os das licenciaturas e Pedagogia, foi possível ampliar as percepções sobre como o campo da Educação precisa enfrentar a trama que envolve o “outro colonial” à luz de uma perspectiva crítica. A inserção no Mestrado favoreceu algumas percepções sobre os dilemas vividos na cultura acadêmica, em termos das demandas necessárias, em torno do papel a ser desempenhado. As inúmeras aproximações que fizemos levantaram grandes problemáticas incluindo a imersão como pesquisadoras, desse campo específico.

Não apenas as entradas - nos fóruns de referência da área, o estágio docente obrigatório – foram desafiadoras, mas também as leituras paralelas sobre regulação e normatização, ajudaram-nos a entender as consequências da não compreensão do nosso papel como partícipes de uma comunidade científica. Elaine Barbosa, estagiária na disciplina de Metodologia, pode ampliar o debate com as/os estudantes sobre a dinâmica da vida acadêmica e as exigências para as/os que mantêm vínculos com a pesquisa. Um dos temas explorados foi a produção exigida e, para tratarmos dele, em sala de aula, lançamos mão de um trabalho desenvolvido por Alice Casimiro Lopes e Hugo Heleno Camilo Costa (2012, p.719) onde os autores esclarecem aspectos da exigência e estratégia da coautoria:

[...] não apenas nossa experiência na pós-graduação e na pesquisa educacional, mas também especificamente a análise dos cadernos de indicadores gerados pelo Coleta CAPES para avaliação dos programas de pós-graduação em nossa área, tem nos levado a concluir que a prática da coautoria não é tão comum quanto seria esperado de uma área acadêmico-científica, particularmente quando se trata de um trabalho entre orientador e orientando. Enquanto, reconhecidamente em áreas como as ciências físicas e biológicas, mas não apenas nelas, o registro da produção docente no Coleta CAPES leva automaticamente ao registro da produção discente, pois não existe uma sem a outra, sabemos que na área de educação tais registros se fazem, frequentemente, de formas separadas, parecendo indicar que a publicação com orientandos não é considerada um processo formativo intrínseco à pós-graduação e à pesquisa.

Nos achados de Pimenta e Anastasiou (2002, p.141), conforme a instituição a que o professor se vincule, um tipo de produção será exigido”. Lopes e Costa fazem referência ao

processo de consolidação de uma cultura da área da Educação que precisa ser incrementada e passam a:

[...] defender que esta é uma forma de expressão dos resultados da colaboração científica que merece ser mais valorizada por nós, especialmente em virtude de sua possibilidade de contribuir para a melhor formação de nossos mestrandos e doutorandos. Para tal, defendemos que a colaboração científica na área de ciências humanas e sociais, e particularmente na área de educação, mais do que o trabalho de dois ou mais pesquisadores em um projeto de pesquisa, compartilhando recursos intelectuais, econômicos e/ou físicos (idem), é um processo de articulação discursiva que tende a ser fixado na forma textual, visando possibilitar outras articulações com diferentes sujeitos sociais (p.720).

Ao pensarmos com os autores, vimos a coautoria como uma dimensão emancipatória que se conecta com os pressupostos que defendemos como grupo de estudos. A relação acadêmico-profissional inicia-se baseada nesse entendimento sobre o papel que passamos a desempenhar como investigadoras em formação na Educação e que se alinha em torno das travessias no estágio docente, além de potencializar as narrativas que produzimos nessa atividade de formação e pesquisa.

Outras presenças na pós-graduação em educação

A tematização da história e da cultura africanas na seleção, na organização e proposição de outros conteúdos curriculares não pode ser analisada sem o devido cuidado. Inserimos, como eixo mobilizador de nossa investigação a vinculação com o movimento negro. Para essa interlocução apoiamo-nos no seguinte argumento de Petit (2016, p.662):

O termo filosofia abrange [...] não apenas o pensamento de acadêmicos especialistas, e sim também fontes e saberes perpassados de oralidade, o que significa lidar com diversas linguagens da literatura oral, notadamente os ensinamentos milenares que nos são repassados em mitos, contos, provérbios e simbologias adinkras (ideogramas tradicionais da cultura acã em Gana).

Na abordagem que adota, a autora visa ultrapassar percepções eurodirigidas e de “inspiração colonial”, conforme a pesquisa de Miranda (2006). Ao trabalhar em pares, passa a oferecer uma janela epistemológica outra onde a ideia de espírito comum¹ se espalha e oferece conexões para o trabalho que desenvolvemos em redes de mulheres negras:

¹Conforme Raquel Paiva apresenta (2003).

Denominamos de pretagogia a abordagem teórico metodológica que parte de referências das filosofias que atravessam as tradições africanas e os estudos embasados em Bâ (1982), Munanga (2009), Sodré (1988; 2012), Cunha (2007), Oliveira (2006; 2007), Silva (2013), Cruz (2011), Meijer (2012), Videira (2010), dentre outros, para propor uma pedagogia que atualiza seus princípios nas culturas afro brasileiras e afro diaspóricas em geral a partir dos seguintes fundamentos: 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (PETIT, 2016, p.665).

São esses os atalhos que buscamos esboçar para uma abordagem em rede congregando nossas percepções nos processos de reinvenção dos espaços de trabalho. Nossa base teórica indica a importância do enfoque a ser dado entrecruzando diferentes olhares acerca do estágio desenvolvido. As aulas da pós-graduação, as atividades de grupo e a dinâmica semanal para os encontros na faculdade de educação, foram fases de reflexão e compromisso com a comunidade presente no *campus*.

Em acordo com Nilma Lino Gomes,

[...] a cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p.79).

Com esse enfoque, podemos supor que a história de resistência das populações negras inclui diferentes etapas enfrentadas por segmentos em desvantagem material e socio educacional. Estar nos espaços universitários é resultado de um projeto coletivo do MN em busca de deslocamento.

A produção existente sobre a presença negra no campo da pesquisa acadêmica chama nossa atenção. A pesquisa de Moema de Poli Teixeira (2003) sobre negras/os na universidade dá visibilidade para a vida com o desafio de superar a discriminação racial. Por outra parte, alcançamos resultados expressivos sobre as tendências e impacto da implementação das ações afirmativas nas universidades brasileiras. Esse é um leque que cresceu assim como as estratégias de participação negra com destaque para as novas entradas nos cursos de pós-graduação. Estudantes negras/os matriculadas/os nas universidades públicas, bem como

professoras/es, têm revelado suas saídas para garantir êxito e, dentre essas, está a conformação de redes de solidariedade (TEIXEIRA, 2003).

Na perspectiva de deslocamento, as populações negras vêm se organizando e se movimentando pela via do enfrentamento e da estratégia da denúncia das desigualdades profundas. Podemos observar como a dimensão educacional figura como estratégia principal para enfrentar arenas de disputas sociopolíticas. Pensar uma agenda de pesquisa em rede exige uma interpretação dinâmica das relações de poder, de luta e emancipação, numa perspectiva outra da história da produção de conhecimentos. As trajetórias dos sujeitos representados como o “diferentes” da colonização passam a ganhar relevo, tendo em vista os objetivos da agenda antirracista.

Diário de bordo e enunciações político-acadêmica

Como parte da metodologia de organização de nossas percepções trazidas do estágio docente ao longo do Mestrado, e como resultado de inúmeros encontros com professoras/es de diferentes instituições de ensino superior, doutorandas/os, mestrandas/os e estudantes de graduação, recuperamos o diário de bordo de Carla Silva, Ana Beatriz da Silva e de Elaine Barbosa como escopo para a análise mais ampla a ser feita sobre o lugar de importância dessa imersão em sala de aula na Escola de Educação - UNIRIO. Tanto Carla Silva como Ana Beatriz da Silva, realizaram seus estágios na disciplina “Currículo” que está na grade do curso de Pedagogia com 60 horas e um total de 15 encontros. Elaine Barbosa optou pela disciplina de “Metodologia da Pesquisa em Educação” que, do mesmo modo, é dividida em 15 encontros com um total de 60 horas. Ao recuperarmos esses registros observamos como a adoção do diário de bordo promove um desdobramento para as etapas do trabalho.

A apresentação abaixo segue essa ordem e trabalhamos com essas percepções frisando os pontos de contato entre as distintas experiências registradas nos respectivos diários de bordo. Podemos seguir Raquel Paiva (2003) quando recupera as teorias sobre comunidade e o espírito comum. Na sua observação, dentre as produções que o indivíduo partilha com o outro está a linguagem (p. 91). Também para a tradução que fazemos, em um exercício de escuta sensível, o espírito comum movimenta a jornada de desvios constantes que somos levados a fazer por conta das armadilhas da subalternização de mulheres, de populações negras e dos setores populares. Para nosso quadro analítico sobre *pesquisar em rede de mulheres negras*,

existe um traço comum e agregador capaz de refletir um *ethos* orientador: no fundo do eu tem um nós.

1. Sobre a expectativa com a docência no ensino superior

Uma das principais dúvidas que nos mobilizam quando terminamos o percurso, que culmina na entrega da brochura da Dissertação de Mestrado, é sobre a direção a ser tomada. Portanto, essa é uma das marcas da travessia das pesquisadoras que optaram pelo Mestrado em Educação. Importa destacar aqui, parte de um mosaico selecionado dos fragmentos que escolhemos dos diários de bordo - elaborados no percurso -, e que refletem aspectos dessa percepção. Ao mesmo tempo, as reuniões do grupo ampliaram as impressões sobre a experiência de deslocamento:

C. Tenho como expectativa garantir a permanência no campo de investigação e dar continuidade ingressando no doutorado. Desejo realizar novas imersões como: concorrer às vagas de professor substituto, seja numa universidade privada, seja numa universidade pública porque eu entendo a importância de permanecer nesses espaços, não só como estudantes, mas, como professora e ativista do Movimento Negro.

A. A expectativa inclui trabalhar com a docência no ensino superior, e ver a possibilidade de ampliar essa presença, não só trabalhar na educação, mas, ampliar para a área da Geografia - área, na qual sou formada. Trabalhar com outros currículos na educação e, a partir daí trabalhar com grupos diversos de estudantes na prática docente (todos os níveis). Minhas expectativas incluem trocar com outras profissionais e pós-graduandas/os. A ideia de trabalhar numa universidade impacta!

O contato com a graduação foi obrigatório e gerou angústias compreensíveis para o início que enfrentaram. Ana entende que a universidade “é um universo de pessoas, de possibilidades” São perspectivas que geram parcerias e, fazer a pesquisa em si, ampliou os ambientes de intercâmbio. Também vê a docência além da atividade de sala de aula sendo esse um espaço de pesquisa e de um tipo específico de “extensão universitária”.

E. Minhas expectativas com a docência são positivas quando percebo a necessidade de ampliação de discussões voltadas para os aportes investigados no Mestrado, por exemplo. Tratei de temas ainda invisibilizados. Localizo demandas como a valorização dos diálogos com grupos que experimentam a subalternidade no cotidiano. As expectativas também se relacionam com a aproximação entre sujeitos praticantes da educação formal e não formal. Essas diferentes realidades podem entrar em um mesmo currículo e potencializarmos a discussão sobre os distintos espaços de formação indo além das instituições escolares.

Entender os códigos que o campo define, situar-se como sujeita que entende a Educação como um guarda-chuva, que gera potentes interfaces de atuação e de investigação, foi um salto importante para a sua composição identitária. E quando recuperamos nuances de travessias realizadas na perspectiva da descolonização de nossa pertença social, estamos ratificando um modo outro de pensar os processos enfrentados, nesses acontecimentos.

2. Aspectos desafiadores na experiência do estágio

Ao internalizar aprendizagens que a pertença africana nos proporciona, também sabemos como é imprescindível alinharmos-nos com outras epistemologias. Um dos desafios, então, é analisar as saídas existentes para participar. Quando examinamos tais características, é estratégico focar em “uma pedagogia que atualiza princípios nas culturas afro brasileiras e afro diaspóricas”, no sentido dado por Sandra Haydée Petit (2015).

O esforço de trabalhar em rede se desdobra no estágio, como se vê no registro de Carla:

C. Durante o estágio docente, tive a oportunidade de participar da disciplina de Currículo e um aspecto interessante é que nesse processo, chegou um informe sobre um congresso na UFF de Angra dos Reis. Foi uma provocação da professora responsável pela disciplina, e como ocorria sempre, a ideia foi mobilizar o máximo de graduandas e graduandos para enviarem suas propostas de estudo. Como uma das responsáveis pela disciplina, apresentei uma dinâmica possível, eles entenderam que seria importante pela oportunidade de viverem uma conformação diferente. Praticamente, toda a turma enviou trabalho. A grande maioria teve o aceite e o grupo aprovado resolveu se organizar pra ir ao evento. Essa foi uma experiência que nos provocou e isso se refletiu depois, também em mim. Participar em outros congressos, até internacionais! Foi um esforço revigorante e potencializador.

Na análise acima, menciona o impacto para as/os envolvidas/os já que “as graduandas e graduandos entendiam que esse passo - de ir pra congresso, apresentar trabalho, ser performático – era reflexo do rigor acadêmico”. O debate favoreceu a compreensão de que esse caminho é parte da formação. Não obstante, “entenderam que se referia mais aos alunos da Pós-graduação e que eles estavam distantes desse lugar de produção de saber”. O exercício de desconstrução dessa ideia foi importante: “fazer esse desenho com o grupo, trazer essa proposta, foi desafiador. Importa ressaltar que o resultado foi positivo e bem proveitoso levando ao passo seguinte que foi pensar minha inserção como profissional do ensino superior”.

Ana, por sua vez, localiza entrecruzamentos epistemológicos inadiáveis e que são provocados pelos nossos deslocamentos rumo à pós-graduação:

A. Como mulher, professora e negra, que venho do movimento social, tenho um compromisso ético-político, no qual, é imprescindível estabelecer um diálogo com os estudantes, de modo a desconstruir barreiras e ajudar a entender que existem estratos diversos na sociedade. Outras e outros que trabalham, que pensam e que produzem material baseado em outras abordagens metodológicas, produzem outras epistemologias. Eu acho que essa pergunta é muito interessante porque associa o que a gente pensou para a pesquisa e, ainda, o que a gente pensa em nossa prática pedagógica em sala de aula como docentes.

As interseções apresentadas, na narrativa de Ana, indicam o lugar de importância das nossas diferentes performances e os modos de tradução das práticas de intervenção possíveis, com essa nova entrada – ser Mestre em Educação.

Elaine destaca o processo de aprendizagem vivenciado pela interseção que faz, incluindo os aportes epistemológicos valorizados na cultura acadêmica e, as outras vias de construção de conhecimento e saberes:

E. Minhas experiências com os movimentos sociais, o esforço acadêmico realizado serve para tentar visibilizar experiências educacionais potentes e emancipatórias, mas ainda descartadas. O desafio é esse: ser pesquisadora iniciante, preta, que tenta dialogar com os aportes teórico-metodológicos voltados para as discussões mais ao Sul. É uma tentativa de encontrar as fissuras dos muros da universidade para se inserir nas discussões buscando garantir as condições necessárias. São essas as experiências de re-existência.

Pesquisadoras negras em formação inicial, apresentam narrativas que indicam perspectivas de inserção tendo como ponto de partida um baú de possibilidades que cada uma localiza quando experimentam inserção na pós-graduação.

3. Da percepção sobre a população alvo

As mestrandas coautoras nessa pesquisa, indicaram, como um aspecto decisivo, estar diante de uma diversidade temática advinda das indagações e sugestões do grupo com o qual trabalharam no estágio docente. Conhecer a população alvo, da faculdade de educação, passou a ter um importante desdobramento:

C. A Universidade se tornou um espaço mais plural, reflexo da expansão das políticas e programas do ensino superior no Brasil, como as cotas, o FIES e o PROUNI. Essas políticas trouxeram possibilidades reais de formação para a população negra e pobre. A turma de Currículo apresenta essas características: jovens que se encontram nessa transição para a vida adulta, e a carreira profissional concentra uma das grandes preocupações, além da formação escolar. O que traz angústias também. Pensar uma posição melhor

no mercado de trabalho após a formação superior é uma questão presente entre esses jovens. Eles relacionam a formação escolar superior, com profissões que possam oferecer qualidade de vida e trabalho muito melhor que eles possuem no momento. Outro movimento importante que merece destaque é a chegada desses jovens negros na universidade. Muitos desses entendem a importância de estar ocupando esses espaços, se organizam a partir de Coletivos Negros para reivindicar melhores condições de permanência na universidade e manterem a proteção e cuidado entre si.

O curso noturno de uma faculdade de Educação, no bairro da Urca, já conta com a presença dos filhos e filhas da classe trabalhadora e é importante notar como essa característica marca a cartografia iniciada no estágio, conforme o registro de Carla.

No fragmento abaixo, Ana cita a mudança ocorrida também para a instituição de ensino e, não apenas para sua própria carreira:

A. Com esse público eu destaco, não só a possibilidade de debater sobre os espaços de formulação de outras pedagogias. Incluo como parte do repertório, a experiência de mulheres interlocutoras, coautoras do meu estudo. Entrecruzo o aprendizado, que eu pude alcançar em ambas as situações – o estágio e a pesquisa. Foi muito importante para a área de Educação, para a minha vida e para os meus pares.

As atividades desenvolvidas como educadora em instituições do Movimento Negro ampliaram seu “baú de coisas” e podemos supor que aproveitou esse aspecto como parte da sua composição de repertórios para a sala de aula no estágio. Ao mesmo tempo, foi possível construir um outro tipo de arco e entender como essa área abriga a Geografia, por exemplo: “Hoje, tenho outro pensamento sobre a Educação, sobre as intelectuais negras, sobre as organizações de mulheres negras. Sou parte da história das ONGs e essa interlocução com os estudantes foi de suma importância para o meu entendimento da proposta de outras educações”. Entende que, no seu histórico, o ingresso garantiu a ampliação da entrada na área: “trata-se de explorarmos outros territórios educacionais”.

Elaine deu ênfase para os primeiros momentos no campus:

E. O primeiro contato com a universidade na pós graduação foi através do grupo de pesquisa. Foi o momento de aproximação para o auto reconhecimento de um corpo de mulher e preta, que passa a se auto representar como partícipe de um espaço acadêmico majoritariamente branco e meritocrático.

A vida acadêmica, em uma universidade pública, trouxe alguns desafios de auto reconhecimento, inclusive:

E. A interlocução com os sujeitos dispostos a dialogar com a temática insurgente, foi o início da construção de uma rede de afetos e parcerias acadêmicas que me fortaleceram com o tema de pesquisa que envolve a mulher encarcerada, a mulher negra subalternizada, o instituto que nasce do movimento negro e o reconhecimento de um espaço não escolar como educacional e principalmente a chance de pensar, tudo isso, como pesquisa científica, apresentar e reconhecer esse escopo empírico como produção de conhecimento válido e potente.

Juntamente com as/os graduandas/os da Pedagogia, estão as/os estudantes das licenciaturas: do Teatro, Filosofia, Letras, Ciências Biológicas, História, Ciências Sociais e do curso de Música. São essas diferentes áreas que se fazem presentes e se refletem em suas percepções como graduandas/os. Com suas participações, nas respectivas disciplinas (Currículo e Metodologia), encharcam nosso olhar sobre a docência. Nos registros de Elaine, “todo esse reconhecimento se deu pelos atores, ali presentes, nas discussões e nas mais diversas experiências profissionais e acadêmicas que conheci na construção e no fortalecimento do processo”.

4. Motivações para a realização da pesquisa e vínculos com a prática docente

As orientações coletivas, as reuniões do grupo de pesquisa e as orientações individuais, foram etapas de avaliação e elaboração também em coautoria. A nosso ver, facilitaram o reconhecimento dos principais aspectos da construção de uma identidade de pesquisadoras insurgentes, tendo em vista o impacto de nossa presença. Essas foram questões que nos levaram a recuperar nossas motivações:

C. Se deu a partir da experiência na minha formação em educação durante o curso em pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Minha aproximação com o objeto de pesquisa, aparece principalmente nos últimos períodos do curso, pela ausência de disciplinas e conteúdos que tratassem das questões históricas e culturais afro-brasileiras e indígenas em nossa grade curricular trouxeram as inquietações que transformei no meu trabalho final de conclusão do curso.

Para Carla, essas questões se refletem na sua prática docente, no sentido, de que ainda é necessário, trazer para discussão e ampliar o debate sobre as questões raciais no Brasil, principalmente, na área da educação, por entender que o currículo oficial está organizado a partir de uma lógica, de um pensamento único, que não privilegia, nem visibiliza outros grupos étnicos. Ou seja: nos encontramos dentro de uma luta epistêmica, por espaço de produção e práticas pedagógicas que sejam mais plurais e menos unívocas.

Para Ana, trata-se de uma injustiça invisibilizar a presença das Ongs de mulheres negras e suas ações educativas. Esse aspecto indica possibilidades para o incremento de sua proposta de investigação. O texto citado acima, apresenta efeitos do racismo, das hierarquias de gênero, da interseccionalidade. Entende essas análises como uma provocação da autora citada (Sônia Beatriz dos Santos):

A. As principais motivações, que tive, foi estabelecer, dentro do meu limite - por ser uma pessoa do movimento de mulheres negras – um vínculo com a experiência já obtida nessas organizações. Além disso destaco que li um texto da professora Sonia Beatriz dos Santos (UERJ) no qual ela trata o tema das ONGs no Brasil, a mobilização feita em 2009, na Universidade Federal de Goiânia. Foi interessante observar, que ela faz várias provocações, no próprio texto, mostrando como essas organizações estão espalhadas por todo país, que é um território imenso, continental. E, afirma que não há pesquisa acadêmica sobre.

O contato com a obra foi importante por alertar para a falta de trabalhos sobre a temática já que as organizações mapeadas são responsáveis por um modo outro e inédito de tratar a educação popular, os dilemas sociais e as populações negras.

A inserção prévia, em instituições de referência, na formação - no nível da graduação - , incide nas motivações reveladas:

E. As motivações partiram essencialmente do entendimento político da inserção de temáticas insurgentes, tal como , gênero , raça, classe e educação que partem de lugares emergentes para dentro do espaço acadêmico. A inquietude diante das injustiças no cotidiano vivido na minha prática profissional dentro de um instituto sem fins lucrativos foi decisiva pela busca da ampliação dos estudos relacionados às narrativas expressas em cartas de mulheres encarceradas em diálogo com as temáticas étnico racial e decolonial, onde essas discussões se aproximam da prática docente quando há a necessidade do fomento da universidade plural que dialoga com a diversidade que sugere avançar para o caminho da inclusão social e racial.

Do mesmo modo, a atividade em organizações do Movimento Negro é localizada como um tipo de despertador para o deslocamento a ser garantido, rumo à universidade.

5. Contribuição para a área da educação

Quando terminam seus processos de pesquisa e de estágio, Carla, Ana e Elaine apresentaram outras urgências (familiares, de re colocação de suas agendas multifacetadas) e apontaram quão importante foi apoiar a graduação nas turmas aqui citadas:

C. Minha pesquisa contribui para a área da educação, por ampliar a discussão e o debate sobre a educação das Relações Étnico-raciais. Pode influenciar a formulação do currículo, pode indicar como é possível privilegiar a história e a cultura de grupos étnicos em desvantagem. Pode ainda engrossar as formas de dar visibilidade a outros conhecimentos, outras pedagogias, que são produzidas em espaços formais e não formais da educação, que visam colaborar para a inserção e representatividade desses grupos, que não são privilegiados e se tornam ausentes. O silêncio sobre a História e a cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares e de políticas educacionais no Brasil e, é importante, para que as crianças, principalmente, elas estejam num espaço escolar, em que possam ser vistas, compreendidas, positivamente, enquanto, a sua ancestralidade, sua história, a cultura dos seus antepassados e, que elas possam entender a importância da contribuição do negro na construção da história do Brasil, enquanto, cidadão.

Pensar o lugar do negro na escola, não só em datas comemorativas, trabalhos pontuais, mas, entender a importância do lugar social e dar visibilidade positiva para os corpos que devem estar em todos os lugares sociais.

A. Entendo que essa pesquisa, ela vem contribuindo na área da educação e pode contribuir inserindo os projetos dinamizados por mulheres negras, dar ênfase para as ações das organizações que são fundadas por elas, inserir problemáticas sobre a condição insurgente de feministas que atuam na área da educação. Observar como essas mulheres elaboraram projetos e apoiaram a criação de documentos, leis para toda a sociedade, onde toda a sociedade usufrui. O que seria das políticas de ação afirmativas se não fossem as mulheres negras e, em especial, as professoras, porque a grande maioria dessas proponentes é formada por professoras dedicadas à educação básica.

E. A pesquisa contribui para a área da educação uma vez que sugere apresentar modos "outros" de se fazer pesquisa, ou seja, discute a temática sobre gênero de forma abrangente, os investimentos epistemológicos estão voltados para o diálogo com os autores latino americanos, e ainda sugere apresentar a construção de uma escrita focada na narrativa das sujeitas consideradas sem voz na nossa sociedade.

Para Elaine a valorização desses diversos aspectos pode vir junto com a discussão sobre o que se investiga no campo e, portanto, defender pesquisas sobre os espaços não escolares de formação e de outras aprendizagens. Só nessa cadência ampliamos o campo de pesquisa e diminuímos as ausências temáticas já mencionadas.

6. Sobre o impacto da presença negra docente

O ingresso no estágio docente, no Mestrado em Educação – UNIRIO, não é uma escolha, mas tarefa obrigatória. Nesse ir e vir como parte da comunidade acadêmica, aprendemos sobre os impactos dessa entrada de corpos negros em sala de aula e avançamos em algumas análises sobre esse lugar de poder:

C. Algumas pesquisas já apontam que o espaço da academia ainda é um espaço de homens e brancos. Eu, como mulher negra presente nesse lócus de produção de conhecimento vejo como é significativo porque o meu corpo nesse lugar marca uma presença e um discurso. Quando uma menina negra me vê, nesse lugar, ela entende que também poderá estar. E não é apenas como estudante, mas também como profissional. Ela entende como possível ocupar esse espaço de poder indo além da universidade. Espaços onde o corpo negro é visto mais em profissões com menos prestígio social.

Os corpos carregam uma estética, um modo próprio de uma cultura herdada. Circulam e revelam outras propostas de pertencimento acadêmico. O impacto gerado, conforme Carla, é também por motivar novas performances individuais e coletivas.

A. Creio que é trazer uma temática que coloca uma pauta outra para o campo da Educação. São dados sobre pedagogias alternativas e são propostas advindas das iniciativas de mulheres negras que nos levam a provocar esses lugares fixados como “espaços de formação”. O movimento negro é educador, conforme a proposição da Doutora Nilma Lino Gomes. São essas pensadoras, proponentes de outras educações que nos convocam. São referenciais que vem juntos no nosso baú realocando a formação por apresentarem um universo de possibilidades pra um campo tão fechado. Contribuem com uma outra narrativa, com uma outra metodologia para que essa educação não seja, aquilo, que elas vivenciaram.

Conforme Ana “muitas das entrevistadas viveram o silenciamento, a invisibilidade e, hoje, líderes de organizações, que se conectam com os movimentos sociais, assumem o compromisso de trabalhar com outras perspectivas metodológicas e pedagógicas”.

Para Elaine, tem a ver com o incremento de um debate crítico sobre as questões educacionais e as insuficiências da sociedade.

E. Os impactos da minha presença no ensino superior é justamente porque com o meu aporte teórico, meu compromisso sociopolítico e educacional aguço aberturas ao diálogos com diferentes outros temas de pesquisa.

A narrativa apresentada por Elaine indica aprendizagens sobre as formas possíveis de pertencimento. Parece reconhecer essa outra condição de intervir e ainda reconhecer os desdobramentos de sua presença em uma esfera com dificuldades de enfrentar temáticas graves sobre a condição de estratos sociais excluído do debate curricular, das listas de objetos de pesquisa. Podemos considerar que, as diferentes investigações realizadas exploraram questões sociais pouco valorizadas.

À guisa de conclusão

Existem grandes vantagens para quem se compromete com a pesquisa em coautoria. Implica um trabalho nas fronteiras e avaliando, a todo o tempo, as percepções de si e do coletivo envolvido. Há razões para esperança de novas composições, nesse formato. Do ponto de vista da realização de um projeto de formação, desenvolvemos alguns pressupostos que favoreceram a experimentação de recursos de produção. Foram movimentos densos para chegar a assumir uma metodologia emancipatória: “montar um cenário” e “compor um roteiro” a partir do estágio e das narrativas produzidas sobre ele, nos diários de bordo. Um procedimento que refletiu parte da intencionalidade: constituir-se como rede de mulheres negras investigadoras.

Outros mosaicos conceituais foram privilegiados e a coautoria ganhou centralidade por alargar a teorização sobre insurgência e participação de negras iniciantes no campo da pesquisa em Educação. Foi interessante produzir na escuta de nossas insuficiências sobre estágio em pesquisa e compreender que, essa é uma das fases das mais necessárias. Ter dúvidas, refazer para ajustar e ter mais opções de dúvidas, foi parte do exercício de colaboração. Entendemos ser esse um breve panorama do percurso de deslocamento porque iniciamos novas leituras sobre as exigências do campo da docência nessa modalidade – ensino superior – e, numa dinâmica colaborativa, mapeamos parte da demanda de profissionalização.

Em conjunto, foi possível assumir, a partir dos encontros de planejamento e debates -, as insuficiências sobre o que é o campo da docência, assumir algumas opções em termos da identidade em construção e, ainda, pensar sobre os caminhos pela frente. Podemos sugerir, como parte das próximas investigações, um cruzamento de dados sobre a entrada e permanência de investigadoras negras na pós-graduação. Não obstante, é tarefa coletiva apoiar o ingresso de outras ativistas e defender as estratégias de pertencimento acadêmico. Isso faz parte da perspectiva de pesquisa em rede de mulheres negras.

Os corpos negros cruzam fronteiras e sobrevivem aos mais violentos modos de confrontação – físicas e simbólicas. Os olhares, as perguntas recorrentes sobre o que se pretende naquele contexto, indicam dificuldades de compreensão da luta do MN em sentido mais amplo. Constituímo-nos nessa contramão e full time, reinventando os deslocamentos que vislumbramos em nossas travessias. Com autoras/es como Angela Davis, Hari Kunzru, Sandra Haydée Petit e Nilma Lino Gomes, vislumbramos um quadro analítico que suporta as travessias de outras ativistas-acadêmicas. Ao mesmo tempo, a abordagem que fizemos exige

um esforço de coadunar docência e pesquisa em um movimento de composição e recomposição temática e manter-se em contextos desafiados pelo fenômeno do racismo institucional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Elaine. Aprendizagens decoloniais a partir das cartas de mulheres encarceradas: um estudo sobre o movimento negro educador. UNIRIO (Dissertação de Mestrado). 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e Educação. **Rev. Bras. Educ.** Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GUEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela S. de; ALMEIDA, Whashington A. de. Estágio com Pesquisa. São Paulo: Cortez, 2018.

HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro; COSTA, Hugo Heleno. A produção bibliográfica em coautoria na área de Educação. **Rev. Bras. Educ.** v.17, n.51 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2012.

MIRANDA, Claudia. Pesquisadoras negras na docência do ensino superior: uma análise a partir da perspectiva (auto)biográfica. **Práxis Educativa**. Vitória da Conquista. Bahia. Vol 14, n. 29, p.393-414. jul-set, 2018.

MIRANDA, Claudia. Currículos decoloniais e outras cartografias para a Educação das relações étnico-raciais: Desafios Políticos-Pedagógicos frente a Lei 10.639/2003. **Revista da ABPN**, v. 5, n.11. jul./out. 2013, p. 100-118.

MIRANDA, Claudia. Narrativas subalternas e políticas de branquidade: o deslocamento de Afrodescendentes como Processo Subversivo e as Estratégias de Negociação na Academia. 2006, 242 f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídias, globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PETIT, Sandra Haydée. Práticas Pedagógicas para a Lei nº 10.639/2003: A Criação de Nova Abordagem de Formação na Perspectiva das Africanidades. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.21, n.3, 661 set. / dez. 2016.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da lei 10639/03. Fortaleza, EdUECE, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Póiesis**, v. 3, n. 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Carla. História, memória e identidade cultural: a produção didático/literária do Movimento Negro do Brasil. UNIRIO. (Dissertação de Mestrado). 2019.

SILVA, Ana Beatriz da. “Coisa de Mulher” e “Criola”: um estudo sobre aprendizagens decoloniais em ONGs de Mulheres Negras. UNIRIO. (Dissertação de Mestrado). 2018.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros na universidade**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2003.

SOBRE AS AUTORAS

Claudia Miranda

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. Líder do grupo de pesquisa Formação de professores, Pedagogias Decoloniais, currículo e interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade. E-mail: mirandaunirio@gmail.com

Ana Beatriz da Silva

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Diretora de Projetos Sociais e de Campo da Organização Coisa de Mulher/Casa das Pretas/RJ. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores, Currículos, Pedagogias Decoloniais e Interculturalidade(s) na UNIRIO. E-mail: abcomport@gmail.com

Carla Silva

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de professores/as, Currículo (s), Interculturalidade e Pedagogias Decoloniais - GFPPD. Faz parte da Rede de Carioca de Etnoeducadoras Negras. E-mail: carla_silva@ymail.com

Elaine Barbosa

Graduada em Direito, é membro do Instituto de Cultura e Consciência Negra Nelson Mandela e membro do grupo de pesquisa Formação de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e professores, Pedagogias Decoloniais, currículo e interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade na UNIRIO. E-mail: drbarbosa.elaine@gmail.com

Recebido em: 15 de setembro de 2018
Aprovado em: 19 de novembro de 2018
Publicado em: 10 de maio de 2019